

examinada pelos desembargadores do Paço, depois de vista e aprovada pelos oficiais do Santo Ofício da Inquisição". A partir de 1624, os livros dependiam das autoridades civis para serem impressos, isto é, das autoridades reconhecidas pelo Estado, entre as quais, para esse fim, estavam as da Igreja; mas dependiam ainda, para circularem, da Cúria romana. Pombal, em 1768, encerrou esse regime, substituindo-o pelo da Real Mesa Censória, que vigorou até 1787. Ora, se na metrópole feudal essas eram as condições, fácil é calcular quais seriam as que imperavam na colônia escravista, particularmente depois do advento da mineração, com o arroxo que deu à clausura.

Não é de surpreender que os inventários seiscentistas, que Alcântara Machado utilizou para escrever a *Vida e Morte do Bandeirante*, não mencionassem um só livro. Os setecentistas não indicariam grande avanço, a esse respeito. Foi o surto mincrador que alterou as condições anteriores: cresceu a população rapidamente, decuplicando no século XVIII; cresceu o mercado interno e ampliou-se a divisão do trabalho com o aumento do poder aquisitivo e a especialização de atividades, em que se destacou logo a mais lucrativa. Surgiram novas condições, pois, peculiares à nova sociedade. Não por acaso o setecentismo apresenta o hábito senhorial de mandar um dos filhos a Coimbra; e não só a Coimbra, pelos fins do século, mas a outras universidades européias, que o ensino, na colônia, não ultrapassava o que hoje conhecemos como nível médio. É sabido que a Universidade, no Brasil, é recente: os motivos são os mesmos que atrasaram o desenvolvimento da imprensa.

Muito se indagou sobre os motivos do contraste apresentado pela América espanhola, sem falar na inglesa: México e Peru conheceram a Universidade colonial; de outro lado, o México conheceu a imprensa, em 1539; o Peru, em 1583; as colônias inglesas, em 1650. Que razões teria esse contraste de orientação se, à época, Portugal e Espanha, submetidos ao mesmo regime, o feudal, deviam ter o mesmo interesse em manter o atraso em suas colônias? Se diversidade devesse ocorrer, teria sido antes da Espanha, no sentido de maior rigor no impedimento à cultura, pois encontrara, desde o início da colonização, ouro e prata nos territórios americanos, o que não aconteceria aos portugueses, que encontraram ouro dois séculos depois e, quando o encontraram, o aperto da clausura foi maior ainda do que antes.

Os portugueses encontraram, no litoral americano do Atlântico, comunidades primitivas, na fase cultural da pedra lascada, que não puderam aproveitar para o trabalho, pela impossibilidade em fazê-lo, nas grandes empresas que montaram, e que destruíram, física e culturalmente,